

CORRESPONDÊNCIA DIPLOMÁTICA DE FR. BENTO DE SANTA GERTRUDES, JOÃO PEDRO RIBEIRO E FR. FRANCISCO DE S. LUÍS

Introdução

Não é sem certo peso na consciência que apresentamos no primeiro número de *Lusitania Sacra* uma obra histórica do princípio do século XIX. Sentimo-nos terrivelmente inferiores à responsabilidade de anotar as páginas escritas por três dos mais representativos historiógrafos daquele tempo e, mais inferiores ainda, ao ambiente criado pelos nomes ilustres que assinam outros artigos desta Revista. Por outro lado — e esta razão é mais importante ainda, porque transcende a ordem pessoal — a História tem hoje exigências muito diferentes e muito mais profundas que as de oitocentos: o historiador interroga o passado de um modo sempre novo e não lhe importam já as respostas dadas pelos seus antecessores, situadas num plano diferente daquele que procura estudar.

Só temos uma desculpa: apresentar aos investigadores um novo campo de trabalho — e bem fecundo, parece-nos —, um ponto de partida para novas interrogações ao passado. Ao fazê-lo quereríamos evitar aquele espírito positivista que informou a ciência histórica do fim do último século e boa parte do presente. Não sabemos se o conseguimos... Uma coisa, todavia, nos importou mais ainda, já que a única razão de ser da nossa tarefa é apresentar um documento e facilitar a investigação aos que qui-

serem utilizá-lo. Ao leitor pedimos, desde já, indulgência para com as nossas faltas, que hão-de ser numerosas e que não tentamos, sequer, justificar.

O manuscrito em referência contém cópias das cartas relativas a questões paleográficas trocadas entre João Pedro Ribeiro e Fr. Bento de Santa Gertrudes, e entre este e Fr. Francisco de S. Luís Saraiva. Os nomes de Ribeiro e Saraiva bastariam para recomendar esta obra e torná-la digna de publicação. Com efeito, as cartas contidas no nosso manuscrito são verdadeiramente preciosas para o conhecimento do mais insigne diplomata português — cuja personalidade e obra esperam ainda um estudo completo ⁽¹⁾ — e de um dos espíritos mais ricos e mais incansavelmente trabalhadores no nosso século XIX ⁽²⁾.

Fr. Bento de Santa Gertrudes é menos conhecido ⁽³⁾, embora a sua biografia se encontre já publicada no *Catálogo da Biblioteca Pública Municipal do Porto — Índice preparatório do*

(1) As *Letras e Artes* (suplemento literário das *Novidades*) dedicaram-lhe dois dos seus números (19 e 20, de 25-XII-1937 e 1-I-1938), nos quais incluíram artigos assinados por nomes ilustres, um ano antes do centenário da sua morte. No entanto, como sublinhava Mons. Miguel de Oliveira, tais artigos não faziam mais do que chamar a atenção para «alguns aspectos dessa actividade assombrosamente fecunda». Em resposta a esse apelo foi publicada a valiosa obra do Dr. António CRUZ, *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro* (Coimbra, 1938) assim como o artigo *João Pedro Ribeiro, cônego doutoral*, do Cón. A. FERREIRA PINTO («*Lumen*», II (1938) pp. 28/37) que, todavia, estudam apenas algumas parcelas da obra de J. P. Ribeiro. Este nosso trabalho quereria ser uma modestíssima homenagem à memória do grande mestre, a um ano do centenário do seu nascimento (27 de Maio de 1758).

(2) A memória de Fr. Francisco de S. Luís teve mais cultores que a de J. P. Ribeiro. Além da bibliografia dada por Inocêncio (*Diccionario Bibliographico*, v. II, pp. 423 e ss.), de que só mencionaremos a *Memória Historica de Fr. Francisco de S. Luís Saraiva... pelo Marquez de Rezende* (Lisboa, 1864), podemos acrescentar: Fr. Francisco de S. Luís, *Cardeal Saraiva* (1766-1845), Separata do «*Mensagem de S. Bento*», Porto, 1945; António FERREIRA, *O Cardeal Saraiva — Um grande limiano*, Porto, 1948; Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, t. IV, p. IV (Coimbra, 1924), pp. 109/112; 219/221; António BAIÃO, *O Cardeal Saraiva como guarda-mór da Torre do Tombo*, in «*Anais das Bibliotecas e Arquivos*», série II, v. VIII (1927) pp. 39 e ss.; Id., *Trinta e duas cartas inéditas do Cardial Saraiva como Guarda-mór da Torre do Tombo*, Separata do Almanaque de Ponte de Lima, Porto, s. d.; Jorge FARO, *O Cardeal Saraiva, historiador do Império*, in «*O mundo português*», 1945, p. 223 e ss.; CRUZ CERQUEIRA, *O Cardeal Saraiva, percursor na nossa História da Arte*, in *Esboços de História e Crítica de Arte*, (Lisboa, 1949), pp. 3/6; Henrique de OLIVEIRA MOUTA, *Para a bibliografia do Cardeal Saraiva* in «*Ora & labora*», I (1954), pp. 109/115; Augusto da SILVA CARVALHO, *Fr. Francisco de S. Luís e a Medicina* in «*Anuário académico da Ac. das Ciências de Lisboa*», 1951; e in «*O Instituto*», CXV (1953), pp. 254/273. Sobre as relações de Saraiva com J. P. Ribeiro, v.: Marquez de REZENDE, o. c., p. 8; cf. Ms. 240 da Bibl. da Un. de Coimbra, f. 111.

(3) Nem Inocêncio nem a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, mencionam o seu nome.

Catálogo dos Manuskriptos, 2.º fasc. (Porto, 1886, pp. 240/244). Vamos, pois, apresentá-lo aos nossos leitores.

Resumiremos, antes de mais, a biografia citada, escrita por Henrique Duarte e Sousa Reis, ainda parente do nosso monge (todas as informações colhidas noutros lugares serão acompanhadas da respectiva citação).

Bento Alvares de Carvalho, filho de Jerónimo Alvares de Carvalho e de D. Benta Maria Angélica, nasceu no Porto a 2 de Dezembro de 1765. De seus irmãos só uma rapariga, Maria Ana Isabel de Carvalho Pereira, permaneceu no mundo, onde contraiu matrimónio com João Inácio Pereira. Os outros foram Fr. Joaquim de Santa Escolástica, beneditino, professo e, mais tarde, abade do mosteiro de Refojos de Basto, onde faleceu em 1820; P. Joaquim José de Carvalho, pároco de Santa Leocádia de Travanca do Douro até à sua morte, ocorrida a 17 de Abril do ano seguinte; e Ana Angélica de S. Jorge, religiosa do convento da Madre de Deus em Guimarães.

Bento, depois de estudar latinidade na sua terra natal, foi bater à portaria do mosteiro de S. Bento da Vitória na mesma cidade e aí entrou em 1781, com 16 anos de idade. Admitiu-o o geral, Fr. Bento do Pilar, «monge exemplarissimo d'austeros, e virtuosissimos costumes» ⁽⁴⁾ e impôs-lhe o santo hábito a 20 de Julho de 1782 ⁽⁵⁾, juntamente com os noviços que a partir desse dia tiveram por mestre Fr. António da Ressurreição ⁽⁶⁾. O noviciado terminou a 14 de Setembro do ano seguinte, data em que emitiu seus votos na presença do novo geral, Fr. José Joaquim de Santa Teresa «grande protector dos monges applicados» ⁽⁷⁾.

Em virtude do *Plano dos Estudos* de 1776, Fr. Bento devia ter estudado durante cerca de dois anos Retórica, Grego, He-

(4) Fr. António da Assunção MEIRELES, *Memórias do Mosteiro de Pombeiro*, Lisboa, 1942, p. 67.

(5) Estas informações coincidem com as que nos são dadas pelo Ms. do Arq. de Sigevega intitulado *Memória das Pátrias, Idades, e Recepção do Hábito dos Religiosos Benedictinos da Cong.ªm de Portugal desde 1721 a 1831*.

(6) Nessa altura devia ter conhecido Fr. Francisco de S. Luís, professo solene desde 29 de Janeiro, que só em Novembro foi para o Colégio de Coimbra: Marquês de REZENDE, o. c., p. 3.

(7) Carta do Card. Saraiva para Diogo Köpke, publicada por A. PIMENTA, *Inédito precioso do Cardeal Saraiva*, p. 15; cf. p. 22. O generalato deste Abade (1783/9) foi bastante acidentado. Fr. José Joaquim parece que zelava demasiado a disciplina... (cf. as suas pastorais que se encontram no Ms. 1257 da Bibl. Mun. do Porto, nn. 25 a 29). Talvez por isso a sua recondução foi imposta no capítulo geral de 1786 pela autoridade régia (*Bezerro*, 10, Ms. 1429 BMP).

braico e Francês⁽⁸⁾, disciplinas a que, segundo o seu biógrafo, se aplicou com grande zelo. Em seguida entraria no curso filosófico, certamente no de 1785, aberto no colégio da Estrela, em Lisboa, onde ouviria as lições de Fr. José de Santa Escolástica, futuro arcebispo da Baía⁽⁹⁾. Passaria, depois, ao estudo da Teologia, no colégio de S. Bento, em Coimbra, durante quatro anos⁽¹⁰⁾, findos os quais obteve a carta de pregador⁽¹¹⁾. O seu interesse pelas coisas do espírito e pelas antiguidades fê-lo aplicar-se espontaneamente ao estudo da paleografia e da numismática, de tal modo que chegou a ter nelas grande autoridade.

Deste modo foi nomeado cartorário-mór da Congregação, a 4 de Novembro de 1810, pelo geral Fr. Manuel Inácio das Dores⁽¹²⁾, cargo em que brilhara havia pouco o grande paleógrafo Fr. António da Assunção Meireles. Até à extinção da Ordem dirigiu, como abade, os mosteiros de Refojos de Basto, S. Bento da Vitória (Porto) e S. João de Pendorada, e exerceu o múnus de definidor geral⁽¹³⁾. No século, a Academia Real das Ciências admitiu-o entre os seus sócios.

Em 1834 foi expulso, como todos os seus irmãos, da Ordem que tão profundamente amara e pela qual trabalhara tão abnegadamente. Recolheu-se à casa da família que no mundo lhe restava e passou a usar o nome de P. Bento Álvares de Carvalho. O

(8) *Plano dos Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal*, Lisboa, 1776, pp. 8/9.

(9) Cf. Marquês de REZENDE, o. c., p. 6; Fr. José de S. E. MATOSO, *O colégio beneditino da Estrela no princípio do século XIX*, in-«*Revista Municipal*», n. 64 (1955), p. 6.

(10) Duração fixada pelo *Plano e Regulamento dos Estudos para a Congregação de S. Bento de Portugal*, Lisboa, 1789. Cf. Marquês de REZENDE, o. c., p. 6.

(11) Na *Memória das Pátrias, Idades e Recepção dos Hábitos*, Ms. cit., escreve-se: P. P. (Padre Pregador) Fr. Bento de Santa Gertrudes.

(12) Dele diz Fr. José Joaquim de Santa Rosa, monge pouco escrupuloso quando se tratava de falar dos seus confrades, que era um «prelado humano e caritativo, que, no meio dos castigos, os adoçava pela sua prudência e brandura paternal» (*Autobiografia de um monge de S. Bento*, publicada e anotada por A. C. Pires de Lima, Separata da *Revista de Guimarães*, Guimarães, 1934, p. 20).

(13) O nosso Fr. Bento de Santa Gertrudes não deve confundir-se com outro monge do mesmo nome, hábito e época, eleito abade do mosteiro de S. Maria de Miranda em 26 de Agosto de 1799 (*Bezerro* 10, Ms. 1429 BMP, f. 295) e mestre de noviços de S. Bento da Vitória, no Porto a 9 de Maio de 1801 (*ibid.*, f. 335v.). Com efeito o nosso numismófilo esteve, pelo menos de 3 de Dezembro de 1801 a 7 de Março de 1804, em Pendurada, como se vê da datação das cartas que publicamos. O abade de Miranda nasceu em 1764 e tomou hábito em Tibães em 1779 (*Memória das Pátrias, Idades e Recepção dos Hábitos*... Ms. cit.). No Capítulo Geral de 1831, a 5 de Maio, foi eleito definidor 5.º (depois passou a definidor 4.º) um Fr. Bento de Santa Gertrudes (*Bezerro* 13, Ms. do Arq. de Singeverga, ff. 4 e 6); não sabemos, porém de qual dos dois se trata.

governo liberal reconheceu-lhe os méritos nomeando-o director dos trabalhos preparatórios para a remessa dos arquivos monásticos ao Tesouro Público, em portaria de 27 de Julho de 1835, assinada pelo prefeito da Província do Douro, Visconde de S. Gil ⁽¹⁴⁾. Fr. Bento «talvez por se achar cansado e velho» — diz Sousa e Reis —, talvez por considerar este gesto uma ofensa — pensamos nós —, não aceitou. Alguns anos depois, a 15 de Janeiro de 1846, falecia no Porto, com 80 anos de idade e pouco mais de um mês, em casa de sua única sobrinha, D. Maria Rita da Costa Santiago. Foi sepultado na Igreja dos Clérigos.

O ambiente de trabalho e elevação intelectual que Fr. Bento de Santa Gertrudes encontrou na Congregação Beneditina de Portugal foi altamente propício a um fecundo aproveitamento das suas qualidades naturais.

Em 1789 publicou Fr. Joaquim de Santa Clara Brandão, futuro arcebispo de Évora e uma das pessoas mais cultas da sua época ⁽¹⁵⁾, um *Plano e Regulamento dos Estudos* para a Congregação de S. Bento de Portugal, que, embora muito combatido ⁽¹⁶⁾, representa um dos testemunhos mais significativos da profundidade e seriedade que informavam o trabalho científico realizado na nossa Ordem. Mas já desde meados do século XVIII, pelo menos, se liam com interesse as obras dos monges Mauristas, como testemunha o facto de, em 1755, terem conseguido os professores do colégio de Coimbra, que fosse aplicado à sua compra todo o rendimento estabelecido para as livrarias, e mais algum subsídio, se tanto fosse necessário ⁽¹⁷⁾.

Foi particularmente no campo da história que os nossos monges brilharam. Citaremos, de passagem, alguns nomes.

Tinha já falecido, nesse fim do século XVIII, fr. Marceliano

(14) É curioso observar que pouco antes, a 4 de Junho de 1834, Fr. Francisco de S. Luís fora nomeado Guarda-mór da Torre do Tombo, de que se demitiu por razões políticas em 1836: António BALÃO, *Trinta e duas cartas inéditas do Cardinal Saraiva*, cit., p. 3.

(15) Segundo testemunhou Henrique Frederico Link, cit. por J. Silvestre RIBEIRO *História dos estabelecimentos científicos, literários e artísticos de Portugal*, v. V, p. 25.

(16) Fr. José de S. E. MATOSO, art. cit., p. 8.

(17) «Leo-se hũa petição d'alguns dos P.^{es} M.^{es} do Coll. de Coimbra, em q̃ movidos do Zelo de adiantar as sciencias na Religião pedião concorresse esta com dinhr.^o p.^a se comprarẽ as obras dos Nossos Monges Maurianos. Despachou a Junta, q̃ o M.R.P.D. Abb.^o applicará todo o rendim.^{to}, e dinhr.^o da Livraria p.^a comprar os livros q̃ lhe parecer mais convenientes: e o N. R.^o podendo dará provid.^a mayor» (*Bezerro* 8, Ms. 1427 BMP, f. 68v.)

da Ascensão, que deixou manuscrita, além das impressas e inéditas mencionadas por Barbosa Machado ⁽¹⁸⁾, uma obra histórica de muito maior valor e interesse do que a *Antilogia Catacrítica e Apocatástica* (Madrid, 1738) — a *Crónica do Mosteiro de S. Martinho de Tibães* (no Arq. de Singeverga), e ainda outras, existentes na Biblioteca Nacional, como as *Cartas a D. Jeronymo Contador de Argote sobre antiguidades d'Entre Douro e Minho* (BNL, Ms. 8750).

Igualmente deixara este mundo Fr. Tomás de Aquino, irmão do famigerado Cavaleiro de Oliveira ⁽¹⁹⁾ e autor da principal fonte impressa, para a história da Congregação Portuguesa, depois da *Benedictina Lusitana: os Elogios dos Reverendissimos Padres DD. Abbades Geraes da Congregação Benedictina...* (Porto, 1767).

Fr. João Crisóstomo de S. Tomás, falecido em 1783 no mosteiro de Paço de Sousa, escrevera uma obra sobre Paleografia ⁽²⁰⁾.

Fr. António da Assunção Meireles, cartorário-mór da Congregação durante vários anos, preparava umas *Memórias para a história geral da Congregação de S. Bento*, de que só nos restam as memórias de Pombeiro, Paço de Sousa (publicadas pela Academia da História), Ganfei (Mss. no Arq. de Singeverga e na Bibl. Mun. do Porto) e Bostelo (Ms. no Arq. de Singeverga). Este incansável trabalhador organizou os cartórios dos mosteiros citados; deste trabalho restam-nos dois índices: o de Paço de Sousa (publicado com as memórias respectivas) e o de Bostelo (no Arq. de Singeverga). Para dar uma ideia do seu valor bastará dizer que Herculano tinha na maior consideração os trabalhos que dele conheceu ⁽²¹⁾.

Fr. Francisco de S. Luís Saraiva deixou publicada uma enorme quantidade de trabalhos históricos e arqueológicos bem conhecidos, que demonstram profunda assimilação dessas matérias e excepcionais qualidades de trabalho. As cartas que dele vamos publicar são mais uma prova desta afirmação.

Fr. Mateus da Assunção Brandão, sócio da Academia das

(18) *Biblioteca Lusitana*, v. III (Lisboa, 19332), pp. 398/399.

(19) Cf. António GONÇALVES RODRIGUES, *O protestante lusitano*, Coimbra, 1950, pp. 1/6, 255/259.

(20) Fr. António da Assunção MEIRELES, *Memórias de Paço de Sousa*, p. 73; J. P. RIBEIRO, *Dissertações chronológicas*, v. IV, p. I, pág. 12.

(21) Cf. António BAIÃO, prefácio às *Memórias de Pombeiro*, p. XIII.

Ciências, foi autor da *Memória sobre o Pentateuco Hebraico impresso em Lisboa em 1491* (Lisboa, 1827) e duma *Memória sobre os Códices das Chronicas de D. Sebastião por Fr. Bernardo da Cruz*, que deixou à Academia, mas veio a desaparecer⁽²²⁾.

Fr. Francisco de Santa Maria Maior Pacheco Pereira, abade do Colégio da Estrela (1800/3) e de Paço de Sousa, deixou-nos muitas obras genealógicas existentes ainda na Biblioteca Municipal do Porto (Mss. 229, 245, 253, 287 a 293, 430, 431, 722).

Os estudos históricos continuariam se os não viesse interromper a extinção da Ordem. Nos anos lectivos de 1814/5 e 1815/6 foram alunos da cadeira de Diplomática criada por João Pedro Ribeiro junto à Torre do Tombo, os monges beneditinos Fr. José de Santa Rita e Fr. António da Assunção, peritos paleógrafos que, sob a direcção de seus professores, publicaram a *Memória para a história das Inquirições dos primeiros reinados de Portugal* (Lisboa, 1815) e a *Memória para a história das Confirmações Régias neste Reino* (Lisboa, 1816), sendo a primeira de colaboração com outros estudantes⁽²³⁾.

Mesmo expulsos dos seus mosteiros, os nossos monges continuaram a trabalhar no campo da História pátria. Sirva de exemplo o P. António do Carmo Velho Barbosa, autor do *Exame crítico das Cortes de Lamego* (Porto, 1845), da *Memória histórica das antiguidades do Mosteiro de Leça* (Porto, 1852) e da *Memória acerca da combinação das epochas que conteem a inscripção da Torre da Estrella na Cidade de Coimbra* (Memorias da Academia das Sciencias, T. II, p. I, 1848)⁽²⁴⁾.

Fr. Bento de Santa Gertrudes deixava também, para perpetuar a sua memória, além duma riquíssima colecção de moedas, vendida pelos seus parentes com o respectivo catálogo, alguns manuscritos, dos quais Sousa Reis conheceu «apenas um livro de lembranças particulares, e todo por sua mão escripto, a que poz

(22) *Arquivo Histórico Português*, VIII (1910), pp. 109/110.

(23) Não deve confundir-se este Fr. António da Assunção com o seu homónimo de apelido Meireles, como fez Alfredo PIMENTA no seu Proémio às *Memórias de Paço de Sousa*, pp. XIII/XVI. Para outras informações acerca deste Fr. António, v. o mesmo Proémio.

(24) Inocêncio, *Diccionario Bibliographico*, v. I, p. 104; ao P. Velho Barbosa é também attribuida uma obra ms. do Arq. de Singeverga, intitulada *Reflexoens sobre o Cerimonial Monástico Reformado da Congregação de S. Bento de Portugal, impresso em 1820*, a qual revela profundos conhecimentos históricos e litúrgicos.

o nome de — MARÃO — e alguns apontamentos historicos ou numismaticos avulsos isolados, que por serem troncados pouco merecimento tem» (p. 243). Desses, um deve ser o que contém as três cópias de lápides de Pombeiro, mencionado no *Indice preparatorio do Catalogo dos Manuscriptos*, como pertencente ao Museu Municipal do Porto, desde que para aí fora oferecido pelo referido biógrafo.

Além desses podemos mencionar o *Catalogo das moedas imperiais do Museu do Mosteiro de Tibaens*, em dois volumes (BNL, Mss. 8869 e 8870); a *Noticia das Medalhas romanas achadas em o logar de Parada da Ribeira em 1806* (BNL, Ms. 898); e a *Copia das inscripções gravadas no vaso do sacrario do Collegio de S. Bento de Coimbra, segundo a informação do P. M. Dr. Fr. Francisco de S. Luiz*, junta com a *Noticia de Gueda Mendes, Padroeira do Mosteiro de S. Miguel de Rejoios de Basto, e sua descendencia* (BNL, Ms. 897).

Escreveu ainda um tombo com um «mapa de prazos, rendas, fóros, pensões, medições e confrontações das larguíssimas terras e suas pertenças, que fazem a Quinta da Lama, sita em S. Cypriano de Taboadello, proximo à cidade de Guimarães»⁽²⁵⁾; e umas «memorias da Igreja de Pendurada», como se depreende da *Advertência* que abre a segunda parte da *Correspondência diplomatica* (p. 159 do manuscrito).

Do valor de Fr. Bento de Santa Gertrudes dão testemunho os seus dois correspondentes, bem parcos em elogios de qualquer espécie, como os leitores terão ocasião de verificar. Citamos ao acaso: de J. P. Ribeiro: «Pode dizer o que quizer de si, porque ha muito estou persuadido dos seus talentos, e tambem sei que está em hum campo excellente para os cultivar» (p. 17 do ms.); de Fr. Francisco de S. Luís: «Escuso diser-lhe quanto gosto me da sempre com as suas boas noticias. Ellas interessão muito ao meu coração pelo muito que o amo e respeito, e consolão o meu espirito porque nunca vem desacompanhadas de algum objecto instructivo em materia que me da gosto» (p. 283 do ms.).

Diz-nos ainda Sousa e Reis que os méritos do nosso monge foram conhecidos e apreciados por muitas pessoas de Portugal e mesmo do Ultramar, entre as quais cita, além de J. P. Ribeiro, o

(25) *Indice preparatório do Catálogo dos Manuscriptos*, cit., p. 243.

bispo do Porto D. João de Magalhães e Avelar, que o consultou várias vezes sobre numismática, e o professor da Universidade de Leyden, Dr. Otto Von Guericke, para quem Sousa e Reis escreveu a biografia tantas vezes citada.

Resta-nos dizer alguma coisa sobre as cartas que vamos publicar, com a ajuda de Deus.

O códice não é completamente inédito, pois começou, já, a ser publicado no «*Instituto*» (vol. 43, 1896, pp. 144 e 392). Foi adquirido em leilão pelo mosteiro de Singeverga, e pertenceu a José Machado que, por sua vez, o comprara, em 1893, a Lourenço Pereira de Castro, filho de João Pereira de Castro Velho do Amaral, da Casa da Tojeira, em S. Tiago da Faia (Cabeceiras de Basto), situada a poucos quilómetros do mosteiro de Refojos de Basto, onde Fr. Bento fora abade⁽²⁶⁾. Tem [5] fols. + 302 págs., mede 210^{mm} × 157^{mm}, é escrito em letra do princípio do século XIX, e intitula-se «*Correspondencia diplomatica*».

Compõe-se de duas partes. Na primeira foi coligida a correspondência trocada com João Pedro Ribeiro, de 2 de Janeiro de 1799 a 6 de Outubro de 1802 (pp. 1 a 155 do ms.); na segunda, além de uma ou outra carta de Ribeiro, reuniram-se principalmente as cartas trocadas com Fr. Francisco de S. Luís, de 1 de Novembro de 1803 a 26 de Outubro de 1804 (pp. 159 a 302 do ms.). Ambas são precedidas de «*Advertencias*» assinadas por Fr. Bento, donde se deduz que foi ele quem as coligiu.

Nessas *Advertencias* Fr. Bento de Santa Gertrudes mostra qual foi a ocasião próxima que deu origem à troca de correspondência, antes com Ribeiro, depois com Saraiva. Na primeira vê-se que João Pedro tinha suficiente intimidade com o futuro abade de Pendorada, para lhe oferecer um exemplar das *Observações historicas e criticas*, logo que, em 1798, as publicou, e suficiente consideração para lhe pedir as suas reflexões. O conhecimento travara-se em Pendorada, como se depreende da carta, em que J. P. Ribeiro recorda, a respeito de um documento desse cartório: «Eu e o Sr. P. Fr. Bento de S.^{ta} Gertrudes lhe andamos com a mão em cima para fim diverso, que era sobre o valor do X ligado com o V, e nada mais advertimos» (p. 4 do ms.). Isto dera-se, tal-

(26) Tudo isto consta das notas manuscritas antepostas ao códice e assinadas por José Machado.

vez, em Janeiro de 1792, quando Ribeiro ali estivera pela primeira vez para «remexer» 3.000 pergaminhos, e deixar de parte outros 2.000, por falta de forças, os quais examinou depois, em Setembro do mesmo ano ⁽²⁷⁾.

Fr. Francisco de S. Luís devia conhecer Fr. Bento desde o noviciado, como já fizemos notar, e depois em Coimbra, onde talvez tivesse sido professor dele entre 1788 e 1792. A partir de 1798 também não deviam ter faltado as ocasiões de estarem juntos, quando Fr. Francisco, no exercício dos cargos de secretário, companheiro, visitador geral e cronista-mór, examinou «todas as livrarias e arquivos dos mosteiros, fazendo apontamentos e extractos, copiando documentos, inscrições, letreiros, disticos, etc.» ⁽²⁸⁾. Foi precisamente uma destas visitas de Saraiva, quando em Outubro de 1803 acompanhou o Abade Geral a Pendorada, que deu origem à correspondência coligida na segunda parte do nosso códice (p. 159 do ms.).

O tema das cartas varia um pouco nas duas partes: na primeira é fornecido quase sempre pelos documentos do mosteiro; na segunda tocam-se também outros assuntos, principalmente a cronologia e a epigrafia. Em ambas há algumas transcrições integrais de documentos, que será útil cotejar com os originais dos arquivos públicos, se acaso existem. Em algumas cartas descobrem-se pormenores interessantes para a biografia dos três correspondentes; na maior parte, perícopes reveladoras da personalidade de cada qual; em todas, a profundidade do seu saber e a elegância das suas penas. Se a ciência paleográfica conseguiu muitos triunfos neste século e meio que desde então passou, temos de admirar nesses homens o seu incansável amor ao trabalho e muito que aprender do seu método.

É, pois, com imensa simpatia que abordamos estes escritos e os anotamos ⁽²⁹⁾. Com aquela simpatia, aquele espírito de co-

(27) A. CRUZ, *Breve estudo dos manuscritos de J. P. Ribeiro*, Coimbra, 1938, pp. 30/31. Em Pendorada ajudou-o também Fr. José Joaquim de Santa Teresa: António BAIÃO, *A infância da Academia das Ciências*, p. 55, cit. por A. PIMENTA, *Inédito precioso do Cardeal Saraiva*, p. 22; cf. *ibid.*, p. 15.

(28) Marquês de REZENDE, o. c., p. 8; cf. *ibid.*, pp. 6/7.

(29) As anotações reduzem-se, na sua maioria, a indicar os lugares onde foram publicados os documentos de que se fala. Para isso consultamos apenas as colecções documentais mais importantes: os apêndices das *Dissertações Chronológicas e Críticas*, que citamos da 2.^a edição (Lisboa, 1860-1896), os *Diplomata et Chartae*, dos *Portugaliae Monumenta Histórica* (cit.: PMH, DC); e os *Documentos Medievais Portugueses*, *Documentos particulares*, v. III (cit.: DMP, DP, III). Raramente nos referiremos

munhão fraterna, aquela amizade, mesmo, que são indispensáveis para o historiador poder compreender plenamente o documento, como diz em termos mais eloquentes um livro recente de Henri Marrou⁽³⁰⁾. Tanto mais que era esse, precisamente, o espírito com que Fr. Bento de Santa Gertrudes abordava os vestígios do passado, sem todavia perder o sentido crítico, que em João Pedro Ribeiro, ao contrário, dominava. Os nossos leitores terão ocasião de observar esta e outras facetas que caracterizavam este sábio monge. Assim possam as nossas humildes anotações contribuir para o revelar, sem desmerecer muito do seu alto espírito.

FR. JOSÉ DE SANTA ESCOLÁSTICA MATOSO

a outras fontes. Anotaremos também alguns outros passos para melhor compreensão do texto e mais completa informação do leitor, sem, todavia, pretendermos, nem de longe, esgotar a matéria. No texto seguimos escrupulosamente a ortografia do escriba, (excepto nas maiúsculas), mas desenvolvemos as poucas abreviaturas, modernizamos a pontuação, emendamos os erros evidentes e incluímos no texto os entrelinhados; em nota, as apostilhas marginais. As cartas serão numeradas.

(30) *De la connaissance historique*, Paris, 1954, p. 97.

CORRESPONDÊNCIA DIPLOMÁTICA

PRIMEIRA PARTE

Advertencia

O R.^{do} Snr. João Pedro Ribeiro, Lente de Diplomatica na Universidade de Coimbra com exercicio em Lisboa, logo que fes publicar as suas «— Observações Historicas e Criticas sobre a Diplomatica Portuguesa» fes o favor de mimosear-me com hum exemplar. Na carta, em que lhe agradei este obsequio, fiz meu reparo sobre a Nota da pag. 60, mostrando-me escrupuloso, pois se *os meios mais honestos da aquisição* são os que elle aponta ⁽¹⁾ seguesse que os outros são menos honestos, e por

(1) Eis o passo a que se refere Fr. Bento de Santa Gertrudes: «O titulo que hum Mosteiro deste Reino conserva de certa propriedade, contém o protesto de hum Parocho que elle reconhece, que a mesma propriedade he de sua Igreja, e lhe competia embarçar a posse, que della queria tomar o Mosteiro; mas como não podia fazello sem hum litigio dispendioso, cedia, por considerar, que sendo pobre a sua Igreja, e o Mosteiro opolento, não podia nada conseguir. He da Era de 1330. Os meios mais honestos de augmentar o Patrimonio das Igrejas e Mosteiros, que pelos nossos Cartorios se conhecem, erão 1.^o as Cartas de Fraternidade e Familiatura, que sempre na morte, ao menos, rendião alguma cousa: 2.^o os Anniversarios, de que se encarregavão em tanto número, que já não bastavão os dias do anno para os cumprir, e que hoje, ou estão reduzidos, ou extinctos; do que já havião queixas na era de 1385 (Vejase a Doação de 15 de Setembro desta era no Cart. de Pendorada, Maço da Freguesia de Nespereira, N.^o 46): 3.^o as Doações Vitalicias, ou antes, Emprazamentos de Casaes, feitos pelos Mosteiros a alguns particulares; ficando em sua vida pagando certa pensão, e voltando por morte ao Mosteiro com mais outro Casal próprio do Emphyteuta. Esta negociação era fácil de interessar qualquer homem ou mulher solteira, ou que não tinha filhos, nem parentes que lhe fossem acceitos. Com tudo não devo deixar em silêncio que no anno de 1794 me referio hum Reglioso sincero, que tendo os seus Cartorios soffrido alguns incendios, teria a sua Religião perdido muito, se hum Converso habil lhe não tivesse fabricado, com a maior destreza, os titulos que lhe faltavão, e lhe erão necessarios. A que perfeição tem chegado neste seculo esta maldita Arte, se pode ver do Extracto do Processo, e Sentença contra os Falsarios de Granada, impresso em Madrid em 1781». J. P. RIBEIRO, *Observações Históricas e Criticas para servirem de memoria ao systema da diplomatica portuguesa*. Lisboa, 1798, p. 60, nota (1).

consequencia viciozos; e como eu tinha observado que o forte das rendas do Mosteiro se tinham adquirido por outros titulos, em comparação dos quaes os que elle aponta são raros, ex aqui o motivo por que me mostrei escrupulozo.

Em consequencia da resposta aqui junta, e da carta que deo principio a correspondencia, escrevi-lhe a carta que vai adiante da que elle me escreveo, e ella foi a primeira origem de algumas interessantes questoes que se ventilão nesta correspondencia.

Pendurada = Fr. Bento de S.^{ta} Gertrudes.

1

Carta do Doutor João P. Ribeiro

R.^{mo}. Snr. Fr. Bento de S.^{ta}. Gertrudes:

Ora isso não vale, que eu não falo so de Mosteiros, tambem de Igrejas. Ao R.^{mo}. faço a minha Apologia, e athe darei impressa a interpretação obvia á vista dos antecedentes e consequentes. Quem refere a tanta doação legitima e honesta, so chama a essas mais honestas com relação as que no texto noto como injustas. Assim absolvasse desse escrupulo, que eu absolvo toda a Congregação em quanto assim permanecer (como Deus queira), da clausula ordinaria das doações «ad Fratres qui bonos fuerint, et in vita sancta perseveraverint». Perseverem e comão sem escrupulo, que comer por anniversarios e doações interessadas de que ali fallo, não he comer mal adquirido. Agradeço as averiguações, que, em tendo combinado, se me ficar escrupulo, o accusarei. A minha 2.^a Parte he toda chronologica, e a Paleografia ainda fica, por pouco madura, para a 3.^a. Qualquer reflexão desta 1.^a me fas favor; pois na 2.^a ponho huns Additamentos a esta 1.^a em que tudo tem lugar: não tenho pejo em me declarar e athe retratar, nem a materia he para menos. Todo seu, etc.

Lisboa, 2 de Janeiro de 99

João Pedro

2

Carta do doutor João Pedro

Ill.^{mo}. e R.^{mo}.

Prezei as boas noticias de V. S. Tenho suprido a falta d'abertura d'aula, agora so demorada por esquecimento do novo Vis-Conde de Balsemão, conferindo com os 3 discipulos que restavão, no mesmo que n'aula

lhe diria ⁽²⁾. A falta de Compendio supresse do modo possível. Agora que ja tenho a serie seguida dos documentos para verificar as epochas athe D. Affonso II, he que me aparecem algumas equivoocações e alguns *Lagartos* assanhados ⁽³⁾, hum creado nos tres sicarios ⁽⁴⁾ do Abbade Velino ⁽⁵⁾. Eu e o Snr. P. Fr. Bento de Santa Gertrudes lhe andamos com a mão em cima para fim diverso, que era sobre o valor do X ligado com o V, e nada mais advertimos. He o documento N.º 19 do Maço 1.º de doações ao Mosteiro, feita esta por Ermesinda Moninhez, deo vota, Non. Febr. Era H. C.ª XVII.º ⁽⁶⁾. Quis fugir do bicho para a Era de 1117, não achei Conde Henrique em Portugal para me valer; parti para a Era 1147, achei ja morto D. Affonso VI ha tres annos. Para ser a letra semi-gotica, quer em 17 quer em 47, ainda acho razão; para mais, não. Portanto, se lhe não acode o P. Cartorario, vai riscado da serie, e posto em hum Appendice, que levará no fim cada reinado, dos duvidosos, aonde acha huma numerosa companhia. Sou, etc.

10 de Novembro de 1801

João Pedro

3

Em resposta desta Carta de 10 de Novembro de 1801 desfiz a epocha da morte de D. Affonso VI com o documento N.º 6 do Maço 113, Era 1144; doc. N.º 4 do Maço V, Era 1145; doc. N.º 1 do Maço XVIII, Era 1146, reflectindo que o Snr. João Pedro se enganou na data deste, quando o deo por falso a pag. 62 das suas «Observações Historicas e Criticas» na suposição que data de 1116, e adverti que o X tem huma pequena aspa na perna inferior; doc. N.º 19 do Maço 9, Era 1147, que he o de que se trata; e abonei a morte de Affonso neste anno com Flores, Tom. 2, do Catalogo das Rainhas.

(2) A aula de Diplomática, da Universidade de Coimbra, para a qual foi nomeado primeiro mestre em 6 de Janeiro de 1796, foi transferida para Lisboa, onde ficou anexa à Torre do Tombo em 20 de Fevereiro de 1801. A. CRUZ, *Breve estudo dos manuscritos* de J. P. RIBEIRO, pp. 22 e 25.

(3) *Lagarto*, expressão de que se serve para denotar que o documento he falso ou suspeito (Apostilha marginal).

(4) Titulo da Fundação do Mosteiro de Pendurada (Apostilha marginal).

(5) Refere-se ao relato da fundação do Mosteiro de Pendurada, reproduzido por Fr. Leão de Santo Tomás na *Benedictina Lusitana*, v. II (Coimbra, 1651), pp. 201/211 e depois por A. CERQUEIRA PINTO nas suas adições ao *Catálogo dos Bispos do Porto composto pelo illustrissimo D. Rodrigo da Cunha...* (Porto, 1742), v. I, pp. 301/314.

(6) DMP, DP, n.º 320.

Aponte mais o doc. N.º 2 do Maço 63, que também fala em Affonso Rei, e segui que este era o Aragonez, que casou com Urraca, filha de Affonso VI de Leão e viuva do Conde Raymundo.

Fr. Bento

4

*Carta do P. Fr. Bento de Santa Gertrudes ao d^{or}.
João Pedro Ribeiro*

Ill^{mo}. e R^{mo}. Snr. João Pedro Ribeiro:

Talvez V. S. esteja lembrado de me ordenar, que o avizasse das equivoocações, que a minha fraca intelligencia podesse descobrir na I Parte das suas «Observações Criticas». Isto pedia hum estudo superior as minhas forças e ao tempo que me resta para as manejar; porem, como tenho encontrado algumas cousas que V. S. não deixará de julgar dignas de se retocarem, obedecendo aos seus preceitos, devo dizer-lhe, com a ingenuidade propria do meu character, que o Lagarto dos tres sicarios tem unhas assas fortes para resistir aos ataques de V. S.

Primeiramente, para se conhecer que elle nasceo antes do seculo XVI basta contemplar a sua pelle: he verdade que a qualidade do pergaminho não fas prova de antiguidade; mas quando a cor e a consistencia inculcão prolongado uso, não podemos deixar de conhecer a sua decrepita velhice; e se V. S. tivesse reflectido no miseravel estado em que este pergaminho se acha, todo lacerado e cheio de nodos, não havia de affirmar a pag. 73, Nota 2.^a, «que elle se conserva no melhor estado» nem tão pouco havia de decidir, que elle data da Era de 1062, pois não sei como pôde divisar a data primitiva, encoberta com o novo L e X de tinta recente, e muito preta; e se a sua vista alcançou tanto, como he possivel que lhe escapassem os algarismos, escriptos por huma mão autografa adiante do confirmante e testemunhas seguintes Sisnandus Mona. CXXVI. Conf. e Pelagius CXVIII. Testis» Estes algarismos mostram ser escriptos depois de feito o documento; elles são originaes, genuinos, proprios do seculo XII. Logo, se o documento he falso, foi forjado neste seculo, e talvez antes.

Aqui convinha dizer alguma coisa sobre os caracteres Francezes, mas este artigo pede mais reflexoens, do que permite huma carta, e mais cabedal do que as minhas posses, e por ora so digo que talvez muitos documentos, escriptos no tempo da introdução da letra francesa, sejam agora condemnados por apocrifos: mas he mais facil a hum dizer: «Tal docu-

mento he falso», do que fazer os exames necessarios para vir no conhecimento da sua genuidade.

Ex aqui o motivo por que V. S. a pag. 75 diz que o Lagarto data a doação de Velino de Junho, e não de Janeiro, como tras o original gotico; mas por felicidade o tal Lagartinho ainda conserva o resto seguinte: «J... RII»; e todo o mundo sabe que na palavra Junii não ha a letra R.

Tal he, Senhor, a pele do bixo; vejamos agora o seu animo. He certo que por si so não deve produzir testemunho; porem não o contemplamos tão desolado que deixe de ter companheiros valentes, como os granadeiros de Buonaparte, quando fes mudar de opinião a França. Sim, V. S. ataca os seus prodigios... E que me diz as palavras «Quod ego famulum dei Vilino compuncti fuit ad deo et divina pietas! ut edificare domum domus domini et ostendit illi dominus qui mentes suas desiderarunt! hostendit lo-gum inter durium et Tamize etc», tão expressas na original e gotica doação de Vellino a Exemeno, da Era de 1103, 3.º Kal. Januarii? (7). Forão os monges do seculo XIV e XVI que inventarão as revelações divinas, ou foi o clerigo Velino no seculo X?

V. S., suposto reconhece este original a pag. 75, certamente não o leo, pois se o lesse não havia de estranhar as campiaturas nem os prodigios, nem tão pouco a extensão do Lagarto, por quanto o dito gotico de 1103 gasta 12 linhas no exordio historico da fundação da basilica de S. João, e das campiaturas e da resolução de a entregar a Exemeno; e depois passa a escrever a doação ao dito Exemeno, com seu novo exordio e mais formulas do costume, no que gasta 14 linhas. E se este original não basta, temos outro gotico da Era de 1085 no N.º 3 do maço 117, que he o 1.º de doações a particulares, e se guarda no armario letra L (8), o qual gasta 19 linhas em narrar a successão dos herdeiros da Igreja de Santa Maria in Villa Banius, e demanda que entre elles houve, e por fim conclue com hum placito ou termo, que varios delles fizeram de não tornar a calumniar o legitimo padroeiro, no qual gasta 6 linhas tão somente. E finalmente o gotico N.º 9 do mesmo maço, gasta 7 linhas em narrar hum furto que certo Diogo fez a Moniz Viegas, e outros crimes, a prisão do ladrão e a resolução de se lhe arrancarem os olhos em castigo, a falta de quem o defendesse, e a offerta que a may fez de doar certos bens para o livrar; depois do que

(7) PMH, DC, p. 281, n.º 449. HERCULANO diz desta doação: «Ut genuina a RIBERIO habita (Observ. de Diplom. Port., p. 75) nobis dubiæ fidei est. Litteris quidem, quas semigothicas dicimus, scripta, autographa creditur. Ipsarum tamen litterarum forma, verba, stylus, formulaeque donationis nescimus quid falsitatis redolent».

(8) PMH, DC, pp. 218/219, n. 357; *Dissert.*, I, doc. n.º 18.

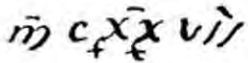
passa a dita may, chamada Bona, a fazer a dita doação com todas as formalidades, na qual so gastarão 10 linhas; data da Era 1106 ⁽⁹⁾.

Ex aqui o laconismo daquelles tempos, ex aqui a justiça com que V. S. censurou a extensão do Lagarto.

Falta-me dizer que V. S. fundou as suas conjecturas de pag. 75 em documento da Era de 1096. Tenho corrido o Index duas vezes, e nem o P. Fr. Luis achou semelhante documento, nem eu o encontrei nos pergaminhos que arrumei. Mais coherente seria V. S. se acaso dissesse que Fr. Leão de Santo Thomaz ⁽¹⁰⁾ leo 1062 por 1092, por ignorar o valor do X aspado, como fes em outras partes verificadas por V. S.

Ja outro dia disse o que se me offerecia sobre o privilegio da Igreja de Espiunca, concedido pelo Snr. Conde D. Henrique, cuja data de 1146 V. S. leo por 1116 ⁽¹¹⁾, e com este fundamento o deo por falso a pag. 62 das suas Observaçoes. Sobre a letra francesa por ora não façamos questão; assim so me resta dizer que este pergaminho tem varios respansados, porem mostra que o notario raspou ao tempo que hia escrevendo, aliás não ficarião as palavras e as letras tão bem compassadas; e se escrupulizar em raspadelas, eu lhas mostrarei semelhantes em titulos os mais authenticos.

Logo depois deste na mesma pág. dá V. S. por falsa a carta feita «Sub Adefonsi fillium Henrici et Therasie Regine» na suposição que data das Kalendas de Abril da Era de 1127. Certamente esta he a doação feita por Sarrazino prolis Egas, que se guarda no armario letra A, maço VI, documento N. 1 ⁽¹²⁾. Com effeito o Padre Frei Luis lhe assignou a dita data de 1127 no Index, mas o

pergaminho mostra esta: 4.º Kal. Aprilis Era →  e eu presumo que V. S. não duvidará dar-lhe o valor de 1187. Resta agora a qualidade da letra, e eu a estranho muito, principalmente os «e e», mas não devo aventurar decisão alguma sem prece-derem exames muito miudos, pois estamos em tempos em que havião penas francesas, penas goticas e penas gotico-francezas e franco-goticas, e tam-bem existirião penas que não pertencião a nenhuma destas classes, assim como hoje existem letras cuja escola se ignora.

Desejo com efficacia que V. S. se rezolva a vir tomar humas ferias neste seu mosteiro, para se desenfastiar do barulho da corte, e verificar com seus proprios olhos as minhas reflexoes; no entanto peço-lhe enca-

(9) PMH, DC, p. 295, n. 473, *Dissert.*, I, doc. n. 25.

(10) *Benedictina Lusitana*, v. II p. 102.

(11) Cf. *Dissert.*, III-I, p. 45, n. 137 (com *).

(12) Cf. *Dissert.* III-I, p. 22, n. 61 (com *).

recidamente que ensine aos seus discipulos a respeitar muito e muito os monumentos da antiguidade, e que nunca se atrevão a dizer contra elles cousa alguma, sem que primeiro tenham empregado muito tempo em exames maduros e desapaixonados; pois so com muitas provas, mais claras que a luz do dia, he que podemos atentar contra Lagartos venerandos, que tem a presumpção a seu favor.

Estimarei que V. S. possa imprimir-lhe esta maxima no coração, tão profundamente como imprimio no meu o sincero affecto com que estimo e venero a respeitavel pessoa de V. S. de quem sou etc.

Pendorada, 3 de Dezembro de 1801

Fr. Bento.

5

Resposta do D^{or}. João Pedro Ribeiro

R^{mo}. Snr. Fr. Bento de Santa Gertrudes:

Amigo e Senhor: Tive a fortuna de receber a sua poucos minutos antes que o P. Companheiro⁽¹³⁾ e Secretario entrassem nesta sua casa aonde lhes mostrei as queixas que de mim fazia o P. Risco no Tom. 42 da Hespanha Sagrada por iguaes culpas. As do P. Risco tem resposta pelo mesmo correio que as recebi, que foi o do prelo; quanto a V. R^{ma}. estou na mesma razão que Santo Agostinho com S. Jeronimo «qui tunc invicem sincerius diligebant, quandiu in Scripturarum studio acrius disputabant». Portanto responderei tambem pelo correio de Penafiel.

Proposição: O documento que se affirma nas Observações estar no melhor estado, está dilacerado e cheio de nodoas. Resposta: Chamei-lhe assim porque se lê todo, e bastava que a data assim estivesse para excluir a conciliação de Cerqueira Pinto⁽¹⁴⁾ de ter mais hum X obscuro pelo mau estado do pergaminho.

Proposição: Atribui ao mesmo documento a Era de 1062, quando ella está renovada, e podia ja então estar 1092, e ler Fr. Leão 1062. Resposta: Se o visse antes da renovação, e tal o achasse, diria o mesmo que a respeito de outros mal lidos; mas em hum documento suspeito encontrei vicio de data, que não se presume feito inutilmente e tambem se fes preciso faz-lo na copia; não he so hum religioso de probidade, como Fr. Leão, que

(13) Fr. Francisco de S. Luís, futuro Cardial Patriarca de Lisboa: Marquês de REZENDE, *Memória histórica de Fr. Francisco de S. Luís Saraiva*... Lisboa, 1864, p. 6.

(14) *Catálogo dos Bispos do Porto*... nesta segunda impressam addicionado... por António Cerqueira Pinto... Porto, 1742, v. I, p. 304.

leo mal, mas tambem o notario do instrumento, que não me merece tanto conceito.

Proposição: No documento se lê a data 126 e 119 por letra coeva e posterior á data, logo não he obra do seculo XVI. Resposta: Se tão difficuloso he determinar a epoca da letra franceza; se andavão penas francezas, goticas, gotico-francezas e franco-goticas, e outras anomalias, como se pode com certeza dar por coeva, não digo huma escriptura inteira, mas duas simples datas? Em que outro documento assigna huma testemunha em data diversa da escriptura, e posterior 27 annos? Não augmenta isto mesmo tanto a suspeição do documento qual a renovação da data? Não fica menos equivoco ainda o Couto de Espiunca, a pezar de outras duvidas? Quando exclui estes dous documentos de originaes, por francezes, tinha corrido outros cartorios, tinha tirado series chronologicas relativas ao character das escripturas, e estas os contrariavão. Viria acaso de França hum mestre de pena de encomenda escrever a Velino a doação em 1092? Depois outro Diogo monge presbitero em 1146, o couto da Espiunca, e nem ao menos escreverião outra, nem formarião discipulos senão em longos annos? Sera suspeito Merino quando affirma que so da Era 1146 encontrou letra franceza?

Proposição: O documento data de Janeiro e não de Junho. Resposta: Enganarme-hia em ler Junho por Janeiro como se enganou Fr. Leão: assim como vê que querendo falar do documento das Kalendas de Novembro, Era de 1067 ou 97 (e o contexto o mostra), escrevi, ou se imprimio 66-96, a pag. 75.

Proposição: No documento que reconheço por genuino ha quanto baste para se crer prodigiosa a fundação do Mosteiro. Resposta: Ha tanto quanto sobrou para dar origem a tradição como a expressão «ad fratres et sorores, que ibi habitantes fuerint», nas doações aos mosteiros, para os crer todos duplices. A bondade do leitor he que determinará a intelligencia. Eu que a não affecto, nunca conheceria como Velino, se nunca tivesse visto o documento francez, e talvez sem violencia interpretaria o «ostendit illi dominus» pela expressão pia hoje mesmo bem vulgar «deparou-me Deos esta fortuna», sem precisar das luzes de Velino nos *tres sicarios*, nem de vir pelos ares Monio Viegas, de terra de Mouros, por intercessão de S. João Baptista, que teve tão bom chronista que para ser o maior entre os nascidos das mulheres, não era preciso nascer destes Velinos, Monios Viegas, Exemenos e compadres e conselheiros argueiros, e ainda que continuassem a habitar ursos aonde hoje brilha a nova estrada e famosa varanda do Picão. E para persuadir a V. R^{ma}. que li com effeito o

tal documento da Era de 1103, lho offereço impresso a pag. 50 do Vol. 1.º da Collecção da Academia, n. 63 ⁽¹⁵⁾.

Proposição: Ha documentos coevos muito extensos, logo o laconismo não he character impreterivel. Resposta: Os exemplos indicados são sentenças no formulario daquelle tempo. He nellas essencia o «species facti», e por tanto a extensão, que so offerecem doações outras que taes, v. g. de D. Fernando a Lorrão, de D. Affonso Henriques a Claraval, etc.

Não tenho que acrescentar sobre o Couto de Espiunca, e menos sobre o outro documento da Era 1127, ou bem 87; não tenho visto XX para significar 80, nem mesmo aspadados, aonde possam adquirir tal valor pela occulta conjunção do L. Peço somente hum exemplo (se ahi o ha) de XLX que valhão 50, lembra-me ter visto mas não sei se ahi.

Ultimamente não tema que a minha eschola seja Harduinica ⁽¹⁶⁾: o meio entre temeridade e credulidade he que inculco. Não desmereça eu a V. R^{ma}. a satisfação das minhas importunas supplicas, e cumprão-me os Ceus os sinceros dezejos de que as minhas invectivas produzão hum igual effeito que as de Papebroquio: apareça hum novo Mabillon, filho do mesmo pai, e então direi de mim satisfeito, quanto o permite a disparidade do assumpto: *Felix culpa*.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1801

João Pedro

Apostilla do P. Fr. Bento nesta carta

Como não pude responder a carta antecedente no mesmo correio, escrevi a dar parte e a ter recebido, etc., e recebi esta em resposta.

Fr. Bento.

6

Carta do D^{or}. João Pedro Ribeiro

R.^{mo}:

Fas-me toda a justiça em reconhecer a sinceridade do meu affecto, e com esta retribuo os dezejos de boas festas, que Deos nos faça perenes.

(15) Cf. a nota (7) supra.

(16) J. P. RIBEIRO refere-se a Jean Hardouin, S. J. (1646-1729), editor das *Acta conciliorum et epistolae decretales ac constitutiones summorum pontificum*, trabalhador incansável e célebre pela originalidade da sua critica, que o levou a regeitar a autenticidade das Odes de Horácio, da Eneida de Virgílio, dos Discursos de Cícero, de vários escritos de Casiodoro, S. Justino, S. Isidoro, etc.; defendeu outras opiniões estranhas, como a de que Cristo e os Apóstolos tinham pregado em latim, etc. Art. de BERNARD in *Dicc. de Théol. Cath.*, VI-II, cols. 2042/2046; art. de SOMMERVOGEL in *Dicc. de la Bible*, III, cols. 427/428.

Falei sobre documento mais antigo original em papel. Do reinado de D. João I ha no Cabido e Camera de Coimbra, e na do Porto e em Santa Cruz de Coimbra, de D. Duarte. Ahi fas-me favor ver se ha mais antigo que o N.º 12 do maço do Couto do Mosteiro, e maço 1.º de vendas, N.º 88, que julgo são de 9 de Agosto anno 1423, e 10 de Abril anno 1443. A não haver mais antigos, diga-me se estes são originaes.

Quero apurar os indices analiticos sobre o uso da letra gotica, semi-gotica e franceza pelos tres cartorios de Pedroso, S. Bento do Porto, e Pendurada (17). Bem ve que para fixar epocas, nem servem documentos duvidosos, nem copias, feitas, talvez muitos annos depois, embora que exactas. Ex aqui todo o motivo das minhas causticaçoens, sem relação tambem as epocas dos primeiros reinados quanto a soberanos, bispos, etc. Pendurada nem ganha que sejam originaes ou copias estes ou aquelles documentos, nem nisso perde. Pode dizer o que quizer de si, porque ha muito estou persuadido dos seus talentos, e tambem sei que está em hum campo excellente para os cultivar. Ambos conhecemos o espinhozo do assumpto, mas por isso mesmo deve meter mais gosto o trabalho, porque os resultados são novos.

31 de Dezembro de 1801

João Pedro

7

*Resposta a carta antecedente do D.º. João Pedro datada de Lisboa,
em 15 de Dezembro de 1801.*

Ja disse a V. S. que nunca intentei affectar a nossa caridade, por tanto não posso deixar de apreciar muito a liberdade que generosamente me concede, para eu continuar a expor os meus sentimentos e as minhas opinioens, ficando estas em tudo subordinadas aos judiciozos arbitrios de V. S., a quem protesto o maior respeito e veneração sincera.

Não ha duvida que V. S. fala em Cerqueira Pinto, mas nem elle quiz inculcar ter visto o velho pergaminho, pois claramente mostra que se servio da copia da Benedictina(18); e quando V. S. o vio ja não conservava a sua data primitiva inteira, nem tão pouco podia ler-se todo; e quem diz todo não quer que se entenda parte.

Se o dito pergaminho tivesse a felicidade de conservar intacta a dita

(17) Este índice analítico foi publicado nas *Dissertações Chronológicas e Críticas*. v. IV, p. I (Lisboa, 1867²), pág. 121.

(18) *Catalogo dos Bispos do Porto... adicionado por António Cerqueira Pinto*, v. I, pp. 301/314.

data, e de facto o seu X não fosse aspado, então tinha V. S. razão para lhe assignar a Era de 1062; mas como ella está renovada em parte e sem o menor artificio, como podemos attestar que data de 1062? Como podemos tratar de impostor a quem tanto não quis impor, que não so se servio de tinta comum, mas tambem escreveo hum L latino, e não gotico? Isto podia suscitar novas duvidas se Fr. Leão não tivesse mostrado os algarismos de que se compunha a data primitiva, no que não pode deixar de produzir testemunho. Mas quanto ao valor? Nem elle nem o notario da copia de 1572, nem escripto algum daquelles tempos deve produzir testemunho, pois todos elles ignoravão o valor do aspado.

Não me lembro que chamasse datas aos numeros 126 e 119; chamei-lhe algarismos, e na realidade o são. Atribui-os ao seculo XII com o mesmo fundamento com que V. S. achou disconveniencia entre os algarismos do documento regeitado a pag. 62 das suas Memorias, e o tempo que elles representam. Se os ditos algarismos são datas ou não, he cousa que ainda não pretendi advinhar. Disse que forão escriptos posteriormente, e a tinta o mostra, pois he diversa da do documento, e, assim como a dos confirmantes e testemunhas, he toda do mesmo tinteiro. Se estes algarismos elevão a dignidade de profetas ao confirmante e testemunha correspondentes, tambem he cousa que ainda não sonhei: disse sim que forão escriptos por huma mão authografa, e com effeito o seu rasgo mostra que a pena não tremeo ao escrever, nem forão necessarios retoques para sahirem bem irmãos dos que se usarão no seculo XII. Isto, Senhor, não he decifrar huma epoca: qualquer homem que revolve pergaminhos conhece á primeira vista a que seculo pertence a sua letra sem que seja preciso ler o seu contheudo, nem outro exame mais do que olhar para elles.

Se o documento he do seculo XVI, podem menos deixar de se escrever essas mesmas datas? Combinando esta interrogação com a proposição que V. S. produzido a pag. 74 das suas Memorias, e com a outra da pag. 75, depois da exposição dos documentos coevos, fico com huma grande duvida, pois talves as cartas com que V. S. me honra sejam fabricadas por algum habilitadozo, de que o nosso seculo abunda mais que o XVI. Nem V. S. pode estranhar a minha duvida; por quanto, pelos seus mesmos principios, quando hum documento não he conforme aos coevos, corre de plano a sua falsidade, e quando elle he conforme seguesse que foi forjado a vista dos coevos; assim nada de certeza.

Porem, como eu conheço que estas proposições so são fructo da opposição que V. S. tem a tudo quanto he maravilhoso ou fora do comum, sou obrigado invencivelmente a reconhecer e respeitar muito a

incomparavel erudição diplomatica que V. S. desenvolveo nas suas Memorias, e não so não duvido dos seus cathalogos chronologicos, mas athe creio que a confrontação destes com o character das escripturas seria feito com toda a curiozidade; por tanto não pertendo encontrar a sua epoca franceza; mas se V. S. com ella pertende excluir de originaes toda e qual-quer escriptura franceza anterior a epoca de 1150, devo dizer-lhe que neste cartorio existe a doação do Abbade Sando, commemorada a pag. 75 das suas Memorias, e presumo não duvidará reconhece-la por original; mas reflectindo nella, acho que suposto a primeira vista apresente hum aspecto gotico puro, com tudo o gosto francez se deixa ver em muitas das suas letras sendo os → *838389* inteiramente francezes, ou mistos. Acaso o seu notario teria hido a França aprender o gosto e a forma das letras que escreveo na Era de 1120?

O notario do pergaminho de 1103 ⁽¹⁹⁾ falou com tanta clareza, com tanta energia, e com tanta força, que se não contentou com hum so «*Ostendit illi dominus*» mas repetio «*Ostendit logum*». Assim elle não queria ser interpretado, e por tanto devemos fazer-lhe a vontade. Alem de que, se temos tradição, com noticia certa da origem, affiançada por documentos coevos, e outros posteriores, bem está o caso, pois athe factos modernissimos o auxilião: por quanto hindo eu o outro dia aquestar-me ao fogo, quando voltei vi huma luz entre a lenha amontuada na parte da cozinha oposta ao lar, junto a porta interior; mandei arredar a lenha para ver a qualidade do corpo que produzia hum fosforo tão vivo, e com effeito appareceo hum cavaco meio podre. Aqui tem V. S. as luzes que appareção de noite ao compadre Arguirio no sitio dos tres sicarios; e como os rusticos de nossos dias julgão que estes fosforos, tão frequentes nas florestas e sitios pantanosos, são bruxas ou almas do outro mundo, não me admiro que Arguirio, entusiasmado com os sonhos de Velino, tomasse por luzes sobrenaturaes os fosforos dos tres sicarios.

Não sei se a expressão «*ad fratres vel sorores*» era formula transcendente a todo e qualquer mosteiro, pois Gaspar Estaço a pag. 102 aponta hum breve de Paschoal II, do anno da Incarnação de 1103, dirigido a D. Diogo Gelmires, Bispo de Santiago de Galliza, para fazer separar as monjas que vivião nos mosteiros juntamente com os monges. Tambem he certo que D. Loba Sarrazim aqui foi educada desde pequena, e depois de professar neste mosteiro, e viver alguns 25 annos debaixo da obediencia dos prelados, recebendo o sustento e vestido, foi fazer nova profissão no de

(19) Cf. a nota (7) supra.

Refoyos⁽²⁰⁾; o documento não declara se viveo dentro ou fora; assim, não sei como elles arranjavão esta mistura. O certo he que a expressão «*Os-tendit illi etc.*» não se pode tomar por formula, pois he particularissima daquelle documento, e não se encontra em outro algum deste cartorio, que fale em fundação de igrejas.

Quanto ao milagre de Monio Viegas, a escriptura não entra nos seus detalhes, nem eu o acompanhei na jornada; vivi, sim, no fim do seculo XVIII, e principio a contar os primeiros annos do seculo XIX; e se nestes tempos tão desabusados todos os dias se rompem os sinos de Arouca para anunciar milagres de Santa Mafalda, acontecendo o mesmo nas Igrejas do Senhor dos Paços de Guimarens, e de S. João Marcos de Braga, onde ha poucos annos se collocarão huns Santos vindos de Roma, como podemos estranhar que Monio e Velino attribuissem a milagres os seus sonhos e livramento dos Mouros? He certo que Monio Viegas não fundou a Igreja ou Ermida de S. João; he igualmente certo que foi padroeiro, logo adquirio elle o padroado. E por que não daremos credito ao pergaminho que nos explica o modo e o motivo desta aquisição? Sera por não apparecer o original? Tambem este cartorio não conserva original nem copia das campiaturas com que Velino adquirio o primeiro territorio em que fundou, e com tudo não podemos duvidar dellas, pois o gotico de 1103 attesta «*Et cum dei adjutorium et pro suo precium, et pro suas Campiaturas integrabit illo logare in omnique giro passales etc.*». E para que esta narração se não entenda das quatro doações e compra feitas no dia da sagração da igreja, Era 1097⁽²¹⁾, acrescenta «*et ad foras alias aduc unoque concanamus: et alias que se testarunt tementes deum etc.*»⁽²²⁾. Pois assim como se perdeu o original das verdadeiras campiaturas, tambem se perdeu o original do pergaminho das revelaçoens; ou, para falar com mais propriedade, da carta de doação do padroado, concedido por Vellino e Exemeno a Monio Viegas na Era de 1110, que he a verdadeira data do dito pergaminho. Estou certo de que se V. S. encontrasse o original gotico havia de respeitá-lo hum pouco mais. Porem, se he suspeito, por se achar em letra franceza? Muito mal estão os documentos escriptos neste caracter.

Suposto o dito pergaminho das relaçoens contenha e deva conter «*species facti*», com tudo não façamos questão com os goticos de 1085 e 1106. Basta-me o de 1103, cuja natureza he bem identica. E se quando Vellino doou a sua igreja ao monge Exemeno, o notario se estendeo tanto, quanto se não devia elle explanar quando os ditos concederam o padroado

(20) Documento publicado nas *Dissert.*, v. I, pp. 265/267, nn. 45 e 46.

(21) PMH, DC, nn. 416 a 419.

(22) Cf. a nota (7) supra.

a hum senhor tão distincto como Monio Viegas? Eu ja disse a V. S. que os notarios fazião titulos mais esplendidos quando nelles figuravão personagens de respeito; e se revolver os pergaminhos heide provar a minha asserção. Alem de que não he estranho á antiguidade o expressar-se nas escripturas a razão ou o titulo por que cada hum possuia as propriedades que doava, vendia ou escambava. Quando Vellino doou o seu oratorio a Exemeno, mostrou que o edificou, e fez menção dos titulos das propriedades que comprou e adquirio: logo quando hum e outro doarão o padroado a Monio Viegas devião ambos mostrar e fazer menção dos titulos por que o possuhião e do modo por que adquirirão. Ex aqui as «species facti» que V. S. achará desenvolvidas na primeira parte do pergaminho onde Vellino mostra o modo e a razão por que edificou, e titulos por que adquirio; e na segunda parte a razão por que passou a ser mosteiro, e o titulo por que Exemeno o adquirio; mostrando assim ambos que erão legitimos senhores, e como taes podião conceder o padroado a Monio.

Se os notarios daquelles tempos acarretavão sem proposito sentenças maravilhosas da Escriptura e Santos Padres para ornarem as suas escripturas, quem pode extranhar que o notario do velho pergaminho enchesse o seu papel com maravilhas acreditadas pelos estipulantes, e que não so redundavão em honra delles, mas tambem concorrião para a celebridade de hum mosteiro que nascia entre rochedos e brenhas horrorosas? E não encontrou V. S. neste cartorio titulos de fazenda desde Evora athe Galliza? Poderia hum simples clerigo ou abbade de origem obscura e hum par de monges elevar a sua obra a huma tal grandeza, sem as maravilhas que inculcavão, e sem o grande Protector que adquirião? As duvidas de Monio Viegas não erão bem proprias daquelles tempos, em que os bens da igrejas e mosteiros passavão em herança aos descendentes dos fundadores?

(Aqui devia lembrar as comedorias ou jantares que os padroeiros tinham nas igrejas, sustentadas pelos abbades de Paço de Sousa contra os bispos, cuja posse hoje conserva recebendo huns tantos reaes, cuja commutação não sei como foi feita^(22a)). A comunidade de Travanca ainda vai jantar a Real. E os padroeiros seculares não se contentavão so com isto, mas exigião muito mais)

Não conservou a minha Congregação vestigios dos grandes banquetes nos dias do Patriarcha e Santos Padroeiros, athe que no Capitulo Geral celebrado em Mayo de 1783 se prohibio admitir todo o mundo, como eu vi em Tibaens sendo noviço, onde jantarão em dia de S. Bento hos-

(22a) Cf. o documento publicado nas *Dissert.* I, pp. 249/251.

pedes de toda a casta e de todas as classes, em huma palavra, todos quantos quizerão entrar pelo refeitório dentro? A pezar de se dar hum corte profundo a esta desordem, não se exceptuarão pela mesma Acta a função de dia de Reis no Collegio da Estrella, as justiças do Couto, e os hospedes de graduação que casualmente chegassem ao mosteiro?

Finalmente, eu não intento sustentar partido, pois não possuo os talentos e cabedais de V. S., e assim de necessidade perderia no jogo: mas se procuramos a verdade não tiremos a cousa de sua natureza. Se o pergaminho he copia, eu nunca lhe chamarei original. Se he velhissimo, não lhe chamemos novo. Se he uniforme aos coevos, demos-lhe a mesma fe. Se o documento do seculo XIV o affiança, acreditemos hum e outro. Pois sera crível que os monges do seculo XIV forjassem hum titulo de fazenda com propriedades sitas no deserto da cidade do Porto, e que este mosteiro as tenha possuhido athe agora pacificamente, sem que nunca houvesse quem reclamasse o roubo? Sera crível que nem entre os Claustraes nem entre os da Reforma houvesse hum prelado de consciencia que restituísse? Acaso neste apostolado são todos Judas? Como he possivel que os monges do seculo XVI trabalhassem immenso para sacudir o jugo do pertendido padroeiro de Ganfey, e forjassem hum pergaminho para darem padroeiro a Pendurada? Como puderão elles encontrar hum sujeito tão habil, que não so imitou perfeitamente os caracteres do seculo XII mas tambem compoz hum latim e pontuação tão propria daquelles tempos, acertou com a historia, e conformou-se com os documentos coevos, sem a menor contradição, e athe inventou os nomes das propriedades que Vellino comprou para edificar, alem daquelles que concordão com os doadores e testemunhas do gotico de 1097, que he o pergaminho das quatro escripturas feitas no dia da sagração, ao mesmo tempo que deixou de fora alguns dos que figurão no dito gotico de 1097?

V. S. não pode deixar de conhecer estas difficuldades e estes absurdos: assim não o mortifico mais com as minhas impertinentes reflexoens, e so tomo a respeitosa liberdade de lhe lembrar que o credito de hum archivo he mais melindroso que o de huma dama: hum so documento dado por falso fas suspeitos todos os mais; se lhe perdemos o respeito bem poucos escaparão a critica de nossos dias, a qual convem muito pouco a simplicidade, descuidos e boa fe de nossos progenitores: não bastão conjecturas para se regeitar hum documento antigo; estes tem sempre a presumpção a seu favor, e sem provas decisivas não se podem despojar da sua auctoridade: bem pode hum documento ser genuino, e com tudo envolver erro de historia, datas ou outros defeitos, e para não sahir de sua

caza, o anno passado escreveo V. S. ao R^{mo} (23) huma carta com data de 1800, e na ultima Memoria, com que me honrou, em lugar de Affonso de Aragão escreveo repetidas vezes Affonso de Navarra.

Se os seus discipulos sahisses todos tão sabios, tão experimentados e tão prudentes como V. S. eu não tinha que recear; mas se V. S. deo por falsos e suspeitos quatro documentos de Pendurada, elles acabarão de regeitar o resto e o meu receio não he sem fundamento, pois o Snr. Bispo de Lamego ja nos trata por falsarios, e ja me argumentou com as Memorias Criticas. Portanto espero da sua honra que hade procurar o meio de se remediar o mal que não fes a mim, mas a minha Congragação, onde tem muitos apaixonados, sendo eu entre elles, etc.

Fr. Bento.

8

Carta do D^{or}. João Pedro

R^{mo}. Snr. Fr. Bento, etc.

Recebi a sua ultima na cama, e respondo depois de hum defluxo de quasi hum mez, mas com o mesmo sangue frio com que estive no cartorio de Pendurada e nos mais, com que escrevi as Observações, e tenho sempre escripto a V. R^{ma}, e assim dezejara tomasse este negocio, para que lhe não succeda o mesmo que ao collegial de S. Pedro, que nas disputas com o de S. Paulo, tanto a peito tomou a causa do seu, que morreu estafado (24). E antes de tudo diga V. R^{ma}. se Pendurada, por ter tido hum monge condemnado por herege (tanto consta do seu cartorio) perde alguma cousa? Que perderia, pois, se M^e. Lucio, se Melendo, se Gonçalo, assim como dictarão ou notarão tantas escripturas de que se não duvida, tivessem forjado dez ou cem falsas? Isto suposto, deixo de boa mente que abunde no seu sentimento, pois tanto as suas apologias como as minhas criticas ficão indifferentes ao util e ao decorozo do mosteiro e do seu car-

(23) Ao abade geral, Fr. José de Santa Rosa Vasconcelos. Biografia no *Livro das vidas dos monges que falecerão neste Mosteiro de Santo Tyrso*, Ms. do Arq. de Sin-geverga, fols. 122/152v., resumida em Fr. José de S. E. MATOSO, *O colégio beneditino da Estrela no principio do séc. XIX* in *Revista Municipal*, n. 64 (1955), p. 18, nota 65.

(24) J. P. Ribeiro refere-se, certamente, à célebre questão que deu origem à *Dissertação historica, judicial e apologetica que na Conferência da Academia Real da História...* leu D. Diogo Fernandes de Almeida, *Em defesa da Conta que deu dos seus estudos* (Lisboa, 1732) e ao *Discurso apologetico, critico, juridico e historico em que demonstra a verdade... a respeito do Sacro, Pontificio, e Real Collegio de S. Pedro, o Doutor Manuel Pereira da Silva Leal...* (Lisboa, 1733). Cf. A. de VASCONCELOS, *Os colégios universitários de Coimbra*, in *Estudos vários* v. I, (Coimbra, 1938), pp. 199/200.

torio. Disse em boa fe o que sentia, e por que razão; se estas não convencem, fico na mesma. Notarei agora somente aquellas novas propozições de que duvido, e darei a minha razão.

No seculo XVI não era tão desconhecido como suppoem o valor do X aspado. D. Rodrigo da Cunha, que o errou algumas vezes, o conheceu outras: o mesmo digo de Brandão e Damião de Goes, que athe o deixou advertido na Torre do Tombo⁽²⁵⁾.

Para mosteiros duplices pode accrescentar o Tom. 40 da Hespaña Sagrada, pag. 382, e no Tom. 20, pag. 34, 92 e 93, na qual pag. 34 achará a bulla que cita de Estaço. No Elucidario, Tom. I, pag. 429⁽²⁶⁾, achará hum lugar terminante respectivo a Lorvão, para o mesmo fim. E que muito se o Can. *Perniciosum*, 25, Caus. 18, Quest. 2, em Graciano, apenas lhe prohibe concorrer no coro e refeitório! No Nobiliario do Conde D. Pedro, Tit. 25, no fim da pag. 146, depois do n. 3 e na nota a, as pag. 195, n. 7, e 205, n. 5, achará as suas freiras de Santo Thyrsó, D. Aldara Vasquez e D. Urraca Ermiges, das quaes ainda reza huma inscripção em verso do mesmo Mosteiro. O que tudo não obstante, insisto que nada disso prova o «fratres et sorores sive clericos», que outros acrescentão, pois se ve dizer respeito a absoluta authoridade dos padroeiros para fazer mudar no mosteiro o sexo ou o Instituto, e ainda seculariza-lo; sobre (?) o que ja achei lugar mais terminante, que agora me não ocorre, posto que tambem faz bastante huma doação de hum Abbade de Bostello, Gonçalo Folquidi, ao mesmo mosteiro⁽²⁷⁾.

O jantar que os padroeiros tinham nas igrejas de sua apresentação, como Paço de Souza, por evitar abuzos, foi, no bispado do Porto, no seculo XIV ou XV, reduzido a 5 libras; e com effeito ainda hoje os abbades pagão 100 reis (?) aos padroeiros⁽²⁸⁾.

Quanto ao que me diz de distincção de copias ou originaes, leia *De Vanes*, Dicc. Diplom., verbo «Copies». De quanto la se diz so creio em

(25) Sobre os autores dos séculos XVI a XVIII que conheceram o valor do X aspado, v.: *Dissertações Chronologicas e Criticas*, v. II (Lisboa, 1857²), pp. 119/121, onde se fazem algumas precisões ao que é dito no texto.

(26) Na 2.^a edição (Inocência da Silva), v. I, p., 306 (vb. *Familiares*).

(27) Documento nas *Dissert.*, I, pp. 263/265, n. 44. Este parágrafo mostra a verdadeira opinião de J. P. Ribeiro acerca dos mosteiros duplices em Portugal. Quem lesse o artigo do R. P. Agostinho AZEVEDO, J. P. R., *alguns reparos à sua obra*, in *Letras e artes*, n. 20 (suplemento literário das *Novidades* de 1-I-1938), poderia ficar a julgar que o illustre diplomatista «não era partidário da existência de mosteiro dúplex em Portugal». As palavras que Ribeiro deixou escritas nas *Observações históricas e críticas*, pp. 77/78, tinham já sido interpretadas no seu verdadeiro sentido por Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, v. I (Coimbra, 1910), p. 153, nota 3. Cf. ainda *Dissert.* IV-I, p. 238; IV-II, p. 119.

(28) Cf. Fr. António da Assunção MEIRELES, *Memórias do mosteiro de Paço de Sousa*, Lisboa, 1942, pp. 27 e 30 e nota (22^a), supra.

duas cousas: «tino diplomatico, qualidade de letra». Sello, não sello, annunciado, não annuciado, tudo para mim he equivoco. E em contrario das suas timidas e balbuciantes regras, lhe produzirei exemplos observados por outrem e por mim mesmo.

Direi o mais que tenho achado pro e contra. O documento da Era 1130, Kal. Nov. ⁽²⁹⁾. A doação he do territorio de Lamego, logo o Bispo de Coimbra so pode figurar como tendo Lamego em comenda. Antes da bulla de Paschoal II do anno 1101, que vem nos Appendices da Parte III da Monarchia ⁽³⁰⁾, copiada do Livro Preto, não ha noticia certa que possa servir para a era de 1130 e pontificado de Cresconio. Com tudo Florez, Hespaña Sagrada, tom. 14, no tratado 48, no fim do cap. 2, a leva mais atras, ou o suppoem e não prova. Fonseca, no Cathalogo dos Bispos de Lamego, impresso em 1789, vai com Florez, e se lembra de Moninho, arcediogo de Coimbra, que em nome do Bispo desta a governava no reinado de D. Affonso Henriquez, antes de D. Mendo, bispo proprio. Não o prova, mas não repugna; pois a comenda continuou no successor de Mauricio e, se não Lamego, ainda Viseu, na Era de 1147, estava sem bispo proprio e encomendada ao de Coimbra. Não repugna mesmo que Lamego ainda não tivesse bispo proprio; pois ainda que muitos lho dão desde a Era 1167, outros da Era de 1179, Leitão, no Cathalogo dos Bispos de Coimbra, em D. João Anaya, o nega ainda na Era de 1180; e eu vi hum documento de 1183 em que figura D. Pelagio, prior de Lamego, que assas fas provavel a falta ainda de bispo proprio na era de 1183; e Florez so o diz eleito na era de 1182, anno de 1144 ⁽³¹⁾.

Basta, pois me parece ainda abuso de saude debil. Amigo, etc.

25 de Janeiro de 1802

João Pedro

9

Memoria do D.^{or} João Pedro

O documento da era de 1147, Non. Febr. (Letra C, maço 9, n. 19) ⁽³²⁾,

(29) PMH, DC, p. 467, n. 786.

(30) *Monarchia Lusitana*, p. III, Ap., p. 283, escr. XIV; C. ERDMANN, *Papsturkunden in Portugal*, p. 165. Fortunato de ALMEIDA (o. c., v. I, p. 181) data a bula de 1102, afirmando que BRANDÃO, (*Mon. Lus.*, l. c.) e Miguel RIBEIRO DE VASCONCELOS (*Memoria historica do Mosteiro da Vacariça*, Lisboa, 1854, P. II, p. 52/53), erraram, neste ponto. Deste modo arrastou consigo outros autores. Mas é certo que a bula foi expedida em 24 de Março de 1101: ERDMANN, o. c. l. c.; P. DAVID, *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VI.^e au XII.^e siècles*, Lisboa, 1947, pp. 452/453.

(31) Todas estas incertezas desapareceram, mais tarde, para J. P. Ribeiro: *Dissert.*, v. V (Lisboa, 1896²), pp. 152/153, 165/166; IV-II, p. 50/51.

(32) Cf. *Dissert.*, III-I, p. 49, n. 141.

ja lhe fiz justiça, correctos os cathalogs sobre a morte de D. Affonso 6 na era de 1144, a de S. Giraldo em 5 de Dezembro era 1147, e na translação de Mauricio de Coimbra para Braga na era de 1148, sem o que mal poderia sustentar-se.

Documento da era de 1144 (armario K, maço 113, n. 6), Non. Augusti⁽³³⁾. Nelle se le «sedes Conimbriensis atque Lamicensis domni Martini Prioris». Não se duvida da união dos bispados desde a era de 1138, e que so posteriormente na era de 1154 passou Lamego a unir-se ao Porto, restituído a Coimbra outra vez na era de 1155. Porem, D. Martinho Prior, que governou Coimbra por morte de Paterno, não passa da era de 1126 athe 1129. Desde era 1138 a 1147 governou Mauricio Coimbra, e portanto Lamego em comenda. Como, pois, figura hum prior das duas Ses? Acaso os em «Martinus Prior» serião para denotar o notario engano? ⁽³⁴⁾.

Quanto ao Couto de Espiunca. Não repugna figurar o Conde D. Henrique e D. Thereza, o reinado de D. Affonso 6, e o Bispo de Coimbra no territorio de Lamego, que lhe estava encomendado, huma vez lendo-se era 1146, reputando-se copia posterior; e como tal ja se acha impresso, sem se lhe disputar a authenticidade. Para interpretar com tudo a data pela tal aspa obsta que a aspa do X não he mais que huma sigla do XL, e por tanto nunca aparece nas primeiras pernas do X, que o faria valer 60, e então ja cahia fora do reinado; nem se poderá mostrar outro X assim aspado, que se possa fazer valer 40, e por tanto fico na mesma ⁽³⁵⁾. Segunda razão de duvidar ser em letra franceza pura: Do mosteiro de S. Jorge a primeira he da era de 1154, do de Pedrozo era 1157, de S. Bento d'Ave Maria da era de 1160. Quanto a documentos regios, so de D. Affonso Henriquez; de sua may he semigotica; do Conde Henrique, gotica. Quanto aos que ahi ha francezes mais antigos, logo farei a minha reflexão. Da letra passo ao formulario: Note-se sem prevenção o frazeado do latim, as expressoens «humilis Christi famulus... in sublimitatis culmine electus... magnæ dignitatis gloria et honore sublimatus... determinamus et autoritate nostra firmamus». O titulo de servo humilde de Christo não aparece em nenhum dos outros documentos do Conde, e as expressoens seguintes so lhe convinhão depois da morte do sogro, como o fazer coutos, que bem parece excedia a sua alçada: se se fez a Sueiro Mendes na era de 1135, apparece logo a declaração «quos nobis dedit genitor nostro Rex domnus Alfonsus

(33) DMP, DP, III, n. 229; cf. *Dissert.*, III-I, p. 43, n. 131.

(34) Fr. Bento de Santa Gertrudes, como veremos abaixo, resolve a questão supondo uma possível ausência de D. Mauricio, o que hoje sabemos ser certo. Sobre esta viagem v.: P. DAVID, *Études historiques*, pp. 473/474.

(35) Cf. nota (11) supra.

pro nostra hereditate», o que era bastante para poder doar; e para a regalia do couto, a confirmação do sogro e do conde Raymundo e de D. Urraca, como se vê do original (Cartorio de Santo Thyrsó) — confirmação que nesta não aparece. Não deixe de notar o repintado da letra, que as tintas moidas menos admitem.

Documento da era de 1148, 10 Kal. Februarii (armario G, maço 69, n. 2) ⁽³⁶⁾. Não admitto a conciliação com D. Affonso de Navarra. O conde Henrique, que pactuara com o Conde Raymundo mutuos auxilios por morte de seu sogro, e receber alem disso a Galliza em feudo, posto que logo depois fosse coroado rei della pelo avô, D. Affonso, nunca a perdeu de vista D. Henrique, sua mulher depois, e ainda D. Affonso Henriquez. Tão pouco queria elle reconhecer outro senhor de Portugal, quando, logo morto o sogro, figura como *Imperante Portugal*. Seguiu as partes de Affonso de Navarra com o mesmo interesse da Galliza, que lhe disputavão partidarios do sobrinho.

Agora passo a outros documentos em letra franceza:

- | | |
|---|--------------------------|
| Era 1110, 4 Kal. Maii. Doação de Vellino | } Armario
da fundação |
| 1106, Id. Junii. Doação de Monio Egeas ⁽³⁷⁾ | |
| 1115, Non. Maii. Carta de venda por Villino a Lucidio ⁽³⁸⁾ —
Freguezia de Pendurada, n. 2 | |
| 1116, Setembro. Doação de Mayor Mendes — Serrazes, n. 1. ⁽³⁹⁾ | |
| 1117, 8 Kal. Maii. Doação de Eldonza Loviriquiz — Luzim, n. 1 ⁽⁴⁰⁾ | |
| 1127, 4 Kal. Aprilis. Doação de Sarrazim Egeas — Ariz, n. 1 ⁽⁴¹⁾ | |
| 1134, 13 Kal. Aprilis. Doação de Marra (?) Gondemariz — Alvarenga, n. 5 | |
| 1134, 14 Kal. Nov. Contracto sobre a igreja de Sande — Maço da mesma, n. 1 ⁽⁴²⁾ | |
| 1140, 6 Id. Octobris. Doação de Ermesenda — Fornellos, n. 5 ⁽⁴³⁾ | |

⁽³⁶⁾ Nas *Dissert.*, IIII-I, p. 54, n. 156, Ribeiro marca-o com o °; mas foi reproduzido como original e autêntico pelos DMP, DP, III, n. 347.

⁽³⁷⁾ PMH, DC, p. 290, n. 464.

⁽³⁸⁾ PMH, DC, p. 331, n. 543.

⁽³⁹⁾ PMH, DC, p. 340, n. 561; *Dissert.*, II, p. 225, n. 2.

⁽⁴⁰⁾ PMH, DC, p. 344, n. 569, com a data «VIII.º Kalendas agustas».

⁽⁴¹⁾ Cf. *Dissert.*, III-I, p. 22, n. 61 (com °).

⁽⁴²⁾ PMH, DC, 499, n. 839.

⁽⁴³⁾ DMP, DP, III, n. 85 (original, letra visigótica de transição).

- 1141, 19 Kal. Oct. Doação da igreja de Favoens — Maço da mesma, n. 3 ⁽⁴⁴⁾
 1145, August. Carta de venda — Maço 4.º de vendas, n. 44 ⁽⁴⁵⁾
 1155, Non. Febr. Doação do monge Tello — Espiunca, n. 2 ⁽⁴⁶⁾
 1157, 8 Id. Januarii. Venda em Arcuzelo — Vendas, maço 2.º, n. 62
 1158, 4 Non. Mart. Escambo de Egas Moniz — Sozello, n. 5
 1159, 13 Kal. Oct. Doação de Didago presbytero — Fornellos, n. 6
 1159, 10 Kal. Nov. Doação do monge Miguel — Rio de Mui-nhos, n. 2

São estes os documentos que me parece ahi ha da letra franceza, anteriores ao governo de D. Affonso Henriquez. O da era de 1127, 4 Kal. Aprilis, por si se refuta ⁽⁴⁷⁾. Quanto aos outros peço o voto de quem os tem a vista, e melhor os pode caracterizar de originaes ou copias. Trato de fixar epocha ao carather francez em Portugal, e a pluralidade do que tenho visto a não leva mais acima da era 1150.

Documentos de gotico redondo de Merino, que chamo semigotico:
 Era 1068, 8 Kal. Septembris. Venda de Fromosindo — Vendas a particulares, n. 25

1092. Venda de bens em Fandilanes. — Ibid., n. 10 ⁽⁴⁸⁾
 1094, 9 Kal. Julii. Escambo de Mansor — Ibid., n. 8 ⁽⁴⁹⁾
 1103. Relação dos bens do Mosteiro — Igreja de Fornellos, n. 2 ⁽⁵⁰⁾
 1103, 6 Kal. Aug. Carta de venda. — Maço 2 de vendas, n. 51 ⁽⁵¹⁾
 1104, 9 Kal. Aprilis. Doação a El-Rei D. Garcia — Doaçoenes, maço 1, n. 4 ⁽⁵²⁾
 1105. Relação dos bens de Fornellos — Fornellos, n. 1 ⁽⁵³⁾

(44) DMP, DP, III, n. 136 (cópia do séc. XIII); cf. *Dissert.* III-I, p. 41, n. 122, onde se diz que é uma «cópia do séc. XIV».

(45) DMP, DP, III, n. 249 (cópia do séc. XII).

(46) Cf. *Dissert.*, III-I, p. 69, n. 199.

(47) Ribeiro diz das *Dissert.*, III-I, p. 22, n. 61, nota (b): «O formulário, o carácter da letra, e a mesma tinta com que se acha escrito este Documento, he tudo alheio da data nelle empregada».

(48) PMH, DC, p. 239, n. 391.

(49) PMH, DC, p. 243, p. 398.

(50) PMH, DC, p. 282, n. 450.

(51) PHM, DC, p. 278, n. 446.

(52) PMH, DC, p. 283, n. 451; *Dissert.*, I, pp. 228/230, n. 23.

(53) PMH, DC, p. 287, n. 459.

- 1106, Non. ... Doação del Rei D. Garcia — Doaçõens, maço 1, n. 5 ⁽⁵⁴⁾
 1109, 6 Kal. Jan. Venda de bens em Fornellos — Vendas, maço 3, n. 61

Peço também o voto sobre serem estas originaes ou copias.

Pergunto se he da era 1165, 15 Kal. Jul., ou da era 1161 humas cartas de venda em que o notario Ariz assigna → *x 2 xxx. x5*. E se he em letra gotica. Penso estava [no] maço 2 de vendas, n. 7.

Pergunto, á face da bulla de Paschoal II do anno 1101 (era 1139 ⁽⁵⁵⁾), dando ao Bispo de Coimbra D. Mauricio, successor de Cresconio, em comende o bispado de Lamego, como se podera dizer «Cresconi gloriosi Episcopi sede Colimbriensi sive Lamecense», na doação das Kal. de Novembro, era de 1130 de bens «in Crementina et Pinitello» (maço 2.º de Nespeireira, n. 2). ⁽⁵⁶⁾ Acaso se daria vitaliciamente a D. Cresconio, e depois novamente a D. Mauricio?

Pergunto finalmente que documento he o mais antigo original em papel desse cartorio? E se mostra ser ja de farrapos, actual, ou de algodão?

Apostilla do P. Fr. Bento

A informação sobre os documentos francezes e semigoticos, ou gotico redondo, vai na carta de 18 de Março de 1802.

(*Continua*)

(54) PMH, DC, p. 296, n. 474; cf. *Dissert.*, III-I, p. 8, n. 15.

(55) Cf. nota (30), *supra*.

(56) PMH, DC, p. 467, n. 786.